



NICHOLAS SPARKS



Uma Longa Jornada





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah

1



Início de fevereiro, 2011

Ira

As vezes acho que sou o último da minha espécie.

Meu nome é Ira Levinson. Sou sulista e judeu, e me orgulho de ter sido chamado de ambas as coisas em uma ocasião ou outra. Além disso, sou velho. Nasci em 1920, ano em que o álcool foi proibido e as mulheres conquistaram o direito de votar. Muitas vezes me perguntei se esse foi o motivo de minha vida ter sido como foi. Afinal, nunca bebi e a mulher com quem me casei ficou na fila para votar em Roosevelt assim que teve idade para isso. Dessa forma é fácil imaginar que o ano do meu nascimento de algum modo foi determinante.

Meu pai teria zombado desse pensamento. Ele acreditava em regras. “Ira”, dizia-me quando eu era novo e trabalhava com ele em sua loja de roupas e artigos masculinos, “deixe-me lhe dizer o que você nunca deve fazer”, e então dizia. Chamava isso de suas *Regras para a Vida*. Cresci ouvindo as regras do meu pai para quase tudo. Algumas delas eram de natureza moral, baseadas nos ensinamentos do Talmude – e provavelmente as mesmas que a maioria dos pais ensinava aos filhos. Aprendi, por exemplo, que nunca deveria mentir ou roubar, mas meu pai – que era judeu não praticante, como ele mesmo se descrevia na época – costumava focar mais nas coisas práticas. Nunca saía na chuva sem chapéu. Nunca toque em uma boca de fogão, porque, mesmo que seja improvável, ainda pode estar quente. Fui alertado a nunca contar meu dinheiro em público nem comprar joias de um homem na rua, por mais que parecesse um ótimo negócio. E esses *nuncas* não tinham fim, mas, apesar de sua natureza aleatória, eu seguia quase todas as regras, talvez porque nunca tivesse querido desapontar meu pai. A voz dele até hoje me segue por toda parte.

Do mesmo modo, meu pai me dizia com frequência o que eu *deveria* fazer. Ele esperava honestidade e integridade em todos os aspectos da vida, mas também me disse para abrir portas para mulheres e crianças, dar apertos de mãos firmes, lembrar os nomes das pessoas e sempre dar ao cliente um pouco mais do que ele esperava. Acabei percebendo que suas regras não eram apenas a base de uma filosofia que lhe servira bem, mas diziam tudo sobre quem ele era. Como meu pai acreditava em honestidade e integridade, achava que os outros também acreditavam. Tinha fé na decência humana e presumia que os outros eram como ele. Acreditava que a maioria das pessoas, quando lhes era dada a chance, fazia o certo, mesmo que isso fosse difícil, e acreditava que o bem sempre vencia o mal. Mas não era ingênuo. “Confie nas pessoas”, dizia, “até que elas lhe deem motivo para não confiar. E depois nunca mais fique de costas para elas.”

Mais do que qualquer outra pessoa, meu pai moldou o homem que sou hoje.

Mas a guerra o mudou. Ou melhor, o Holocausto o mudou. Não alterou sua inteligência – meu pai era capaz de fazer as palavras cruzadas do *The New York Times* em menos de dez minutos –, mas abalou suas crenças em relação às pessoas. O mundo que achava que conhecia não fazia mais sentido e ele começou a mudar. A essa altura, estava no fim da casa dos 50 e, depois de me tornar sócio de seu negócio, passava pouco tempo na loja. Tornou-se judeu em tempo integral. Começou a frequentar com regularidade a sinagoga junto de minha mãe – falarei sobre ela mais tarde – e a apoiar financeiramente muitas causas judias. Recusava-se a trabalhar aos sábados. Acompanhou com interesse as notícias sobre a criação do Estado de Israel – e a subsequente guerra entre árabes e israelenses – e começou a ir a Jerusalém pelo menos uma vez por ano, como se procurasse algo que nunca soubera que tinha perdido. Quando meu pai envelheceu, comecei a me preocupar com aquelas viagens ao exterior, mas ele me garantiu que era capaz de cuidar de si mesmo. E de fato cuidou durante muitos anos. Apesar da idade avançada, sua mente continuava aguçada como sempre, mas o corpo, infelizmente, não se adaptou tão bem. Ele teve um ataque cardíaco aos 90 anos e, embora tivesse se recuperado, sete meses depois um acidente vascular cerebral enfraqueceu muito o lado direito do seu corpo. Mesmo assim, insistiu em cuidar de si mesmo. Recusou-se a ir para uma clínica de repouso, mas usava um andador para se locomover e continuou

a dirigir, apesar das minhas súplicas para que não renovasse a habilitação. “Isso é perigoso”, eu lhe dizia, mas ele apenas dava de ombros.

“O que posso fazer?”, respondia ele. “Como vou para a loja?”

Meu pai morreu um mês antes de completar 101 anos, com a habilitação ainda dentro da carteira e palavras cruzadas completas na mesa de cabeceira. Teve uma vida longa e interessante e ultimamente tenho pensado muito nele. Acho que isso faz sentido, porque sempre segui seus passos. Segui suas *Regras para a Vida* todas as manhãs ao abrir a loja e no modo como lidei com as pessoas. Lembrei-me de nomes, dei mais do que era esperado e até hoje levo meu chapéu quando acho que há chance de chover. Como meu pai, tive um ataque cardíaco e agora uso um andador. E, embora nunca tenha gostado de palavras cruzadas, minha mente parece aguçada como sempre. Da mesma forma que meu pai, fui teimoso demais para abrir mão da minha habilitação. Pensando bem, isso provavelmente foi um erro. Se tivesse aberto, não estaria nesta situação: meu carro fora da estrada, no meio de um barranco íngreme, com o capô amassado pelo impacto com uma árvore. E não estaria fantasiando sobre alguém aparecer com uma garrafa térmica cheia de café, um cobertor e uma daquelas liteiras que carregavam os faraós de um lugar para outro. Porque esse é o único jeito de eu sair daqui vivo.

Estou encrocado. Do outro lado do para-brisa quebrado, a neve continua a cair, confusa e desorientadora. Minha cabeça está sangrando e a vertigem vem em ondas; tenho quase certeza de que fraturei o braço direito. A clavícula também. Mesmo de casaco, sinto tanto frio que estou tremendo.

Seria mentira dizer que não estou com medo. Não quero morrer e graças aos meus pais – minha mãe viveu até os 96 anos – sempre achei que minha genética me permitiria ficar ainda mais velho do que já sou. Até alguns meses atrás, acreditava que ainda me restavam uns bons seis anos. Bem, talvez não *bons*. Não é assim que funciona na minha idade. Venho me desintegrando há algum tempo – coração, articulações, rins e partes do meu corpo começaram a falhar –, mas recentemente algo mais se somou a isso. Tumores em meus pulmões, disse o médico. *Câncer*. Agora meu tempo é contado em meses, não anos... Mesmo assim ainda não estou pronto para morrer. Não hoje. Há algo que preciso fazer, algo que fiz todos os anos desde 1956. Uma grande tradição está chegando ao fim e, mais do que tudo, eu queria uma última chance de me despedir.

Ainda assim, é estranho o que um homem pensa quando acha que a morte é iminente. Uma coisa de que tenho certeza é que, se meu tempo acabou, eu preferiria não partir assim – com o corpo tremendo, dentes postigos batendo, até que enfim meu coração inevitavelmente parasse de pulsar. Sei o que acontece quando as pessoas morrem – na minha idade, já perdi as contas de a quantos funerais fui. Se pudesse escolher, preferiria partir dormindo, em casa, em uma cama confortável. As pessoas que morrem assim parecem bem no velório e foi por isso que decidi tentar ir para o banco traseiro, caso sinta o Grande Ceifador batendo em meu ombro. A última coisa que quero é que alguém me encontre aqui, congelado, sentado no banco, como uma bizarra escultura de gelo. Como tirariam meu corpo daqui? Do modo como estou espremido atrás do volante, seria como tentar tirar um piano do banheiro. Posso imaginar alguns bombeiros quebrando o gelo e me sacudindo para a frente e para trás, dizendo coisas como “Gire a cabeça para cá, Steve” ou “Mova os braços do velho para lá, Joe” enquanto tentam tirar meu corpo congelado do carro. Sacudindo, socando, empurrando e puxando até eu, com um último e grande solavanco, cair no chão. Não, obrigado. Ainda tenho meu orgulho. Portanto, como disse, se chegar a esse ponto farei o possível para ir até o banco traseiro e apenas fechar os olhos. Assim poderão me tirar com mais facilidade.

Mas talvez não seja necessário. Talvez alguém veja as marcas dos pneus na estrada, as que levam diretamente ao barranco. Talvez alguém pare e grite para baixo, acenda uma lanterna e veja que há um carro aqui. Não é impossível. Está nevando e as pessoas dirigem mais devagar. Sem dúvida alguém vai me encontrar. Eles têm que me encontrar.

Certo?



Talvez não.

A neve continua a cair. Minha respiração sai em pequenos sopros, como a de um dragão, e meu corpo começou a doer de frio. Mas poderia ser pior. Como já estava frio quando saí – embora não nevando –, vesti roupas de inverno. Estou com duas camisas, um suéter, luvas e chapéu. Neste momento, o carro está inclinado, com a frente apontada para baixo. Ainda estou com o cinto de segurança, que sustenta meu peso, mas minha cabeça está apoiada

no volante. O airbag foi acionado, espalhando pó branco e um cheiro acre de pólvora por todo o carro. Não é confortável, mas estou aguentando.

Meu corpo lateja. Acho que o airbag não funcionou direito, porque minha cabeça bateu no volante e perdi a consciência. Por quanto tempo, não sei. O corte nela continua a sangrar e os ossos do meu braço direito parecem perfurar minha pele. Minha clavícula e meu ombro doem muito e estou com medo de me mexer. Digo a mim mesmo que poderia ser pior. Embora esteja nevando, não está terrivelmente frio lá fora. A temperatura deve cair a uns cinco graus negativos esta noite, mas subir para uns três positivos amanhã. Também vai ventar, com rajadas de 30 quilômetros por hora. Amanhã, domingo, os ventos serão ainda piores, mas na segunda-feira à noite o tempo começará a melhorar. A essa altura a frente fria terá ido embora e os ventos serão quase inexistentes. Na terça-feira, são esperadas temperaturas entre quatro e cinco graus positivos.

Sei disso porque assisto ao Weather Channel. Acho interessante e é menos deprimente que os noticiários. Não há só previsões, mas também programas sobre catástrofes naturais no passado. Assisti a alguns sobre pessoas que estavam no banheiro quando um tornado arrancou a casa do chão e vi outras contarem como foram salvas depois de arrastadas por uma enchente súbita. No Weather Channel todos sobrevivem às tragédias, afinal são entrevistados para o programa. Gosto de saber de antemão que eles sobreviveram. Ano passado vi uma reportagem sobre gente surpreendida na hora do rush por uma nevasca em Chicago. A neve chegou tão rápido que as estradas tiveram de ser fechadas, mesmo não estando vazias. Durante oito horas, milhares de pessoas ficaram sem poder seguir viagem enquanto as temperaturas despencavam. A reportagem se concentrou em duas delas, mas o que me surpreendeu foi o fato de que nenhuma pareceu preparada para o mau tempo. Ambas quase tiveram hipotermia. Devo admitir que aquilo não fez sentido para mim. Os habitantes de Chicago sabem que lá neva com frequência; às vezes a cidade é atingida por nevascas vindas do Canadá. Eles deveriam saber que pode fazer frio. Como poderiam ignorar isso? Se eu morasse em um lugar desses, já na época do Halloween o porta-malas do meu carro estaria guarnecido com cobertores térmicos, chapéus, um casaco de inverno extra, protetores de ouvidos, luvas, pá, lanterna, aquecedores de mãos e garrafas de água. Se morasse em Chicago, poderia ficar preso em uma nevasca durante duas semanas antes de começar a me preocupar.

Meu problema, porém, é que moro na Carolina do Norte. Normalmente, quando dirijo, não me afasto de casa mais do que alguns quilômetros – exceto em uma viagem anual para as montanhas, quase sempre no verão. Por isso, meu porta-malas está vazio, mas me sinto um pouco melhor em relação a isso porque, mesmo que eu tivesse um hotel ambulante dentro dele, não me serviria de nada. O desfiladeiro é íngreme e está congelado, e eu não conseguiria alcançar o porta-malas mesmo que ele contivesse o tesouro de Tutancâmon. Ainda assim, não estou totalmente despreparado para o que me aconteceu. Antes de sair, peguei uma garrafa térmica cheia de café, dois sanduíches, ameixas secas e uma garrafa de água. Coloquei a comida no banco do carona, perto da carta que havia escrito, e, embora tudo tenha se espalhado no acidente, é reconfortante saber que ainda está no carro. Se eu sentir muita fome, tentarei encontrar algo, mas sei que comer ou beber têm um preço. Tudo o que entra precisa sair. E eu ainda não descobri um jeito de deixar o carro. Meu andador está no banco traseiro e o declive me mandaria para a cova; considerando meus ferimentos, atender a um chamado da natureza está fora de cogitação.

Sobre o acidente, eu poderia inventar uma história emocionante com relação ao clima frio ou a um motorista raivoso e frustrado que me forçou a sair da estrada, mas não foi o que aconteceu. Estava escuro e começou a nevar, e depois a nevar mais, e de repente a estrada simplesmente desapareceu. Presumo que entrei em uma curva – digo *presumo* porque não a vi, é claro – e a próxima coisa que percebi foi que havia batido na mureta de proteção e começado a cair no barranco íngreme. Estou sentado aqui, sozinho no escuro, perguntando-me se o Weather Channel fará um programa sobre mim.

Não consigo mais ver através do para-brisa. Embora isso aumente minha agonia, tento usar os limpadores, sem esperar nada, mas um instante depois eles empurram a neve, deixando uma fina camada de gelo em seu rastro. Surpreendo-me com essa súbita e momentânea normalidade, mas, com relutância, desligo os limpadores e os faróis, embora nem me lembrasse de que ainda estavam acesos. Digo a mim mesmo que devo preservar o que resta da bateria, para o caso de precisar usar a buzina.

Mudo de posição e sinto uma forte pontada subir do meu braço para minha clavícula. O mundo fica escuro como breu. Agonia. Inspiro e expiro, esperando a dor aguda passar. Meu bom Deus, por favor. É tudo que posso fazer para não gritar, mas então, como que por milagre, a dor começa a

diminuir pouco a pouco. Respiro devagar, tentando conter as lágrimas, e quando enfim para de doer, sinto-me exausto. Poderia dormir para sempre, nunca mais acordar. Fecho os olhos. Estou cansado, muito cansado.

Estranhamente, pego-me pensando em Daniel McCallum e na tarde da visita. Visualizo a dádiva que ele deixou para trás e, enquanto adormeço, pergunto-me de modo indolente quanto tempo levará até alguém me encontrar.



– Ira.

Ouçõ isso primeiro em meu sonho, de um jeito confuso e vago, como um som embaixo d’água. Demoro um instante para perceber que alguém está dizendo meu nome. Mas isso não é possível.

– Você tem que acordar, Ira.

Abro os olhos com dificuldade. Vejo Ruth, minha esposa, no banco ao meu lado.

– Estou acordado – digo, com a cabeça ainda no volante.

Sem meus óculos, perdidos no acidente, a imagem dela não tem definição, como a de um fantasma.

– Você saiu da estrada.

Pisco.

– Um maluco me fechou. Bati em um pedaço de gelo. Sem meus reflexos de gato, teria sido pior.

– Você saiu da estrada porque está cego como um morcego e velho demais para dirigir. Quantas vezes eu lhe disse que você é um perigo atrás do volante?

– Você nunca me disse isso.

– Pois deveria. Você nem viu a curva. – Ela faz uma pausa. – Está sangrando.

Ergo a cabeça e limpo a testa com a mão boa, que fica vermelha. Há sangue no volante e no painel e manchas vermelhas por toda parte. Pergunto-me quanto sangue perdi.

– Eu sei.

– Você quebrou o braço. E a clavícula também. E há algo errado com seu ombro.

– Eu sei – repito. Quando pisco, Ruth some e reaparece.

– Você precisa ir para o hospital.

– Isso é óbvio.

– Estou preocupada com você.

Respiro fundo antes de responder.

– Também estou preocupado comigo – digo por fim.

Minha esposa não está realmente no carro. Percebo isso. Ela morreu há nove anos – o dia em que achei que minha vida tinha acabado. Eu a chamei da sala de estar e, como ela não respondeu, me levantei da cadeira. Naquele tempo eu caminhava sem andador, mas muito devagar e, quando cheguei ao quarto, a vi no chão, perto da cama, deitada sobre o lado direito do corpo. Chamei uma ambulância e me ajoelhei ao seu lado. Virei-a de barriga para cima e pressionei os dedos em seu pescoço para sentir a pulsação. Não detectei nada. Fiz respiração boca a boca, como tinha visto na televisão. Seu peito subia e descia enquanto eu respirava e soprei até minha visão começar a ficar embaçada, mas ela não reagiu. Beijei seus lábios e seu rosto e a segurei perto de mim até a ambulância chegar. Ruth, minha esposa havia mais de 55 anos, morrera e, num piscar de olhos, tudo o que eu tinha amado também se fora.

– Por que você está aqui? – pergunto-lhe.

– Que tipo de pergunta é essa? Estou aqui por sua causa.

É claro.

– Por quanto tempo eu dormi?

– Não sei – responde ela. – Mas está escuro. Acho que você está com frio.

– Sempre estou com frio.

– Não tanto assim.

– É – concordo. – Não tanto.

– Por que estava dirigindo nesta estrada? Aonde ia?

Penso em tentar me mover, mas a lembrança da pontada me faz parar.

– Você sabe.

– Sim. Black Mountain. Onde passamos a lua de mel.

– Queria ir lá uma última vez. Amanhã é nosso aniversário.

Ela demora um instante para responder:

– Acho que você está ficando senil. Nós nos casamos em agosto, não em fevereiro.

– Não esse aniversário – digo. Não conto a ela que, de acordo com o médico, não viverei até agosto. – O outro.

– Do que você está falando? Não há nenhum outro aniversário. Só um.

– Do dia em que minha vida mudou para sempre – respondo. – O dia em que conheci você.

Por um momento, Ruth não diz nada. Sabe que estou sendo sincero, mas, ao contrário de mim, não é de dizer essas coisas. Ruth me amava apaixonadamente e eu sentia isso em suas expressões, em seu toque, no terno roçar de seus lábios. E, quando mais precisei, também na escrita.

– Foi no dia 6 de fevereiro de 1939 – digo. – Você estava fazendo compras no centro da cidade com sua mãe, Elisabeth, e entraram na loja. Sua mãe queria comprar um chapéu para seu pai.

Ela se recosta no banco, com os olhos ainda fixos em mim.

– Você saiu do fundo da loja – diz. – E um momento depois sua mãe o seguiu.

Sim, lembro de repente, minha mãe me seguira. Ruth sempre teve uma memória extraordinária.

Como a família da minha mãe, a de Ruth era de Viena, mas emigrara para a Carolina do Norte apenas dois meses antes. Tinham fugido de Viena após o *Anschluss* da Áustria, quando Hitler e os nazistas anexaram o país ao Reich. O pai de Ruth, Jakob Pfeffer, professor de história da arte, sabia o que a ascensão de Hitler significava para os judeus e vendeu tudo o que tinha para pagar as propinas necessárias a garantir a liberdade de sua família. Depois de atravessarem a fronteira da Suíça, viajaram até Londres e depois para Nova York, antes de enfim chegarem a Greensboro. Um dos tios de Jakob fabricava móveis a alguns quarteirões da loja do meu pai e durante meses Ruth e sua família moraram em dois cômodos apertados no segundo andar da fábrica. Mais tarde soube que os vapores incessantes da laca deixavam Ruth tão enjoada à noite que ela mal podia dormir.

– Fomos à loja porque sabíamos que sua mãe falava alemão. Tinham nos dito que ela poderia ajudar. – Ruth balança a cabeça. – Estávamos com tanta saudade de casa, ansiosos por encontrar alguém da nossa terra.

Assinto. Ou pelo menos é o que penso.

– Minha mãe me explicou tudo depois que você foi embora. Teve que explicar. Eu não entendi uma só palavra do que você tinha dito.

– Você deveria ter aprendido alemão com sua mãe.

– Qual era a importância disso? Antes de você sair da loja eu já sabia que nos casaríamos um dia. Teríamos todo o tempo do mundo para conversar.

– Você sempre diz isso, mas não é verdade. Você mal olhou para mim.

– Não consegui olhar. Você era a garota mais bonita que eu já tinha visto. Era como tentar olhar para o sol.

– *Ach, Quatsch...* – Ela ri. – Eu não era bonita. Era uma criança. Só tinha 16 anos.

– E eu havia acabado de fazer 18. E no fim das contas eu estava certo.

Ela suspira.

– Sim, estava.

É claro que eu já vira Ruth e seus pais antes. Eles frequentavam nossa sinagoga e se sentavam lá na frente, estranhos em uma terra estranha. Minha mãe os havia mostrado para mim depois dos serviços religiosos, olhando-os discretamente enquanto eles iam para casa apressados.

Sempre adorei nossas caminhadas para casa nas manhãs de sábado, depois da sinagoga, quando tinha minha mãe só para mim. Nossa conversa fluía facilmente de um assunto para outro e eu me deleitava com sua atenção exclusiva. Podia falar com ela sobre qualquer problema que tivesse ou fazer qualquer pergunta que passasse pela minha cabeça, mesmo as que meu pai teria achado sem sentido. Meu pai dava conselhos; minha mãe dava conforto e amor. Meu pai nunca ia à sinagoga conosco; preferia abrir a loja cedo aos sábados, esperando as vendas do fim de semana. Minha mãe entendia. Naquele tempo, até eu sabia que era difícil manter a loja aberta. Como a todos os outros lugares, a Grande Depressão atingiu Greensboro com força e às vezes a loja passava dias sem um cliente sequer. Havia muitas pessoas desempregadas e passando fome. Elas ficavam na fila de sopa ou pão. Muitos dos bancos locais tinham falido, levando as poupanças das pessoas junto. Nos bons tempos, meu pai era do tipo que guardava dinheiro, mas, em 1939, as coisas estavam difíceis até para ele.

Minha mãe sempre trabalhou com meu pai, embora raramente ficasse no balcão atendendo os clientes. Naquela época os homens – e nossa clientela eram quase toda masculina – esperavam que outro homem os ajudasse, tanto na escolha quanto no ajuste dos ternos. Contudo, minha mãe mantinha a porta do almoxarifado aberta, o que lhe dava uma visão perfeita dos clientes. Devo dizer que ela era um gênio em seu trabalho. Meu pai puxava, esticava e marcava o tecido nos lugares certos, mas com um único olhar minha mãe sabia imediatamente se devia ou não seguir as marcas que ele fazia. Em sua memória, ela via o cliente vestindo o terno e sabia a linha exata de cada dobra e costura. Meu pai tinha conhecimento disso – e foi por esse motivo que posicionou o espelho onde ela pudesse vê-lo. Embora isso pudesse fazer alguns homens se sentirem ameaçados,

deixava meu pai orgulhoso. Uma de suas *Regras para a Vida* era casar com uma mulher mais inteligente que você. “Eu fiz isso”, dizia, “e você também deveria fazer. Quero dizer, para que pensar em tudo sozinho?”

Tenho que admitir que minha mãe era mesmo mais inteligente do que meu pai. Embora nunca tivesse dominado a arte de cozinhar – ela deveria ter sido banida da cozinha –, falava quatro idiomas e era capaz de citar Dostoiévski em russo; era uma exímia pianista clássica e havia frequentado a Universidade de Viena numa época em que estudantes mulheres eram uma raridade. Meu pai, por sua vez, nunca fora para a universidade. Como eu, tinha trabalhado na loja de roupas e artigos masculinos de seu pai desde garoto, e era bom com números e clientes. E, como eu, vira sua futura esposa pela primeira vez na sinagoga, logo depois de ela chegar em Greensboro.

Porém, as semelhanças terminam por aí, pois muitas vezes eu me perguntei se meus pais eram um casal feliz. Seria fácil dizer que eram outros tempos, que as pessoas se casavam menos por amor e mais por motivos práticos. E não estou dizendo que eles não eram certos um para o outro em muitos aspectos. Eram bons parceiros e nunca os ouvi discutir. Contudo, várias vezes me perguntei se algum dia tinham sido apaixonados. Em todos os anos que vivi com eles, nunca os vi se beijarem e não eram o tipo de casal que ficava à vontade de mãos dadas. À noite, meu pai fazia a contabilidade à mesa da cozinha, enquanto minha mãe se sentava na sala de estar, com um livro aberto no colo. Mais tarde, depois que eles se aposentaram e eu assumi o negócio, esperei que se tornassem mais próximos. Achei que poderiam viajar juntos, fazer cruzeiros ou passeios turísticos, mas depois da primeira visita a Jerusalém meu pai sempre viajou sozinho. Eles tinham vidas separadas e continuaram a se distanciar, tornando-se estranhos. Quando estavam na casa dos 80 anos, pareciam não ter mais nada a dizer um ao outro. Passavam horas na mesma sala sem pronunciar uma só palavra. Quando Ruth e eu os visitávamos, passávamos um tempo primeiro com um e depois com o outro. Na volta, no carro, Ruth apertava minha mão, como se prometendo a si mesma que nunca acabaríamos assim.

Ruth sempre se preocupou mais com o relacionamento dos meus pais do que eles mesmos. Pareciam ter pouca vontade de preencher a lacuna entre eles. Sentiam-se confortáveis em seus mundos. Quando envelheceram e meu pai se tornou mais chegado às tradições, minha mãe desenvolveu uma paixão por jardinagem e passava horas podando flores no quintal. Meu

pai adorava assistir a velhos filmes de faroeste e ao noticiário noturno, enquanto minha mãe lia seus livros. E é claro que eles sempre se interessaram pelas obras de arte que Ruth e eu colecionávamos, aquelas que por fim nos tornaram ricos.



– Você demorou muito para voltar à loja – falei para Ruth.

Fora do carro, a neve já cobrira o para-brisa e continuava a cair. De acordo com o Weather Channel, àquela altura deveria ter parado, mas, apesar das maravilhas da tecnologia moderna, a previsão do tempo ainda falhava. Esse é outro motivo de eu achar o canal interessante.

– Minha mãe comprou o chapéu. Ficamos sem dinheiro para mais nada.

– Mas você me achou bonito.

– Não. Suas orelhas eram muito grandes. Gosto de orelhas delicadas.

Ruth tem razão sobre minhas orelhas. São grandes e de abano, como as do meu pai. Mas, ao contrário dele, eu tinha vergonha delas. Quando era garoto, talvez com uns 8 ou 9 anos, peguei um pedaço de tecido da loja, cortei-o em uma longa tira e passei o resto do verão dormindo com ela enrolada na cabeça, na esperança de que minhas orelhas se aproximassem mais do meu couro cabeludo. Embora minha mãe ignorasse isso quando ia me ver à noite, às vezes eu ouvia meu pai cochichando com ela em um tom quase ofendido. “Ele tem as minhas orelhas”, dizia. “O que há de tão ruim com elas?”

Contei essa história a Ruth depois que nos casamos e ela riu. Desde então, de vez em quando caçoava de mim por causa das minhas orelhas, do mesmo jeito que está fazendo agora, mas em todos os nossos anos juntos nunca fez isso de um modo que eu considerasse maldoso.

– Achei que você gostasse das minhas orelhas. Você me dizia isso sempre que as beijava.

– Eu gostava do seu rosto. Você tinha um rosto bondoso. Suas orelhas vieram junto com ele. Eu não queria ferir seus sentimentos.

– Um rosto bondoso?

– Sim. Havia suavidade em seus olhos, como se você só visse o bem nas pessoas. Notei isso mesmo quando mal olhava para mim.

– Eu estava tentando reunir coragem para lhe perguntar se poderia levá-la em casa.

– Não – diz ela, balançando a cabeça. Embora sua imagem esteja desfocada, sua voz é vigorosa, a da garota de 16 anos que conheci tanto tempo atrás.
– Depois disso eu o vi muitas vezes na sinagoga e você nunca me perguntou. Até o esperei algumas vezes, mas você passava por mim sem dizer nada.

– Você não falava inglês.

– Àquela altura, tinha começado a entender algumas coisas e conseguia falar um pouco. Se você tivesse perguntado, eu teria respondido: “Ok, Ira. Vou com você.”

Ela diz essas últimas palavras com um sotaque vienense, suave e musical. Cadenciado. Com os anos, seu sotaque diminuiu, mas nunca desapareceu por completo.

– Seus pais não teriam permitido.

– Minha mãe teria. Ela gostava de você. Sua mãe disse a ela que um dia você herdaria o negócio.

– Eu sabia! Sempre suspeitei de que você tivesse se casado comigo por dinheiro.

– Que dinheiro? Você não tinha dinheiro nenhum. Se eu quisesse um homem rico, teria me casado com David Epstein. O pai de David era dono da fábrica de tecidos e eles moravam em uma mansão.

Essa também era uma das piadas constantes em nosso casamento. Embora minha mãe estivesse falando a verdade, ela sabia que aquele não era o tipo de negócio que tornaria alguém rico. Começou como uma loja pequena e continuou assim até o dia em que finalmente a vendi e me aposentei.

– Lembro-me de ver vocês dois na loja de refrigerantes do outro lado da rua. David se encontrava com você lá quase todos os dias durante o verão.

– Eu gostava de refrigerantes de chocolate. Nunca tinha tomado.

– Eu ficava com ciúme.

– Tinha razão em ficar – diz Ruth. – Ele era rico, bonito e tinha orelhas perfeitas.

Sorrio, desejando poder vê-la melhor, mas a escuridão não permite.

– Durante algum tempo achei que vocês fossem se casar.

– Ele me pediu em casamento mais de uma vez e respondi que era jovem demais, que ele teria que esperar até eu terminar a faculdade. Mas era mentira. A verdade é que já estava de olho em você. Por isso sempre insistia em ir à loja de refrigerantes perto da loja do seu pai.

Eu sabia disso, é claro. Mas gostei de ouvi-la dizer.

– Eu ficava perto da vitrine e a observava, sentada com ele.

– Às vezes eu via você. – Ela sorri. – Um dia até acenei, mas mesmo assim você nunca se ofereceu para me levar em casa.

– David era meu amigo.

Aquilo era verdade e continuou a ser durante a maior parte da nossa vida. Tínhamos boas relações com David e sua esposa, Rachel, e Ruth deu aulas particulares para um de seus filhos.

– Aquilo não tinha nada a ver com sua amizade com David. Você tinha medo de mim. Sempre foi tímido.

– Você deve estar me confundindo com outra pessoa. Eu era charmoso, adorado pelas mulheres, um jovem Frank Sinatra. Às vezes tinha que me esconder de muitas que me perseguiam.

– Você andava olhando para os pés e ficava vermelho quando eu acenava. E então, em agosto, foi embora para a universidade.

Fui para a William and Mary, em Williamsburg, Virgínia, e só voltei para casa em dezembro. Vi Ruth duas vezes na sinagoga naquele mês, ambas de longe, antes de voltar para a faculdade. Em maio, fui passar o verão em casa para trabalhar na loja e àquela altura a Segunda Guerra Mundial estava se alastrando pela Europa. Hitler havia conquistado a Polônia e a Noruega, derrotado a Bélgica, Luxemburgo e a Holanda, e estava arrasando a França. Em todos os jornais e todas as conversas, o único assunto era a guerra. Ninguém sabia se os Estados Unidos entrariam no conflito e o clima era tenso. Semanas depois, a França estava definitivamente fora da guerra.

– Você ainda estava saindo com David quando voltei.

– Mas também fiquei amiga da sua mãe no ano que você foi embora. Enquanto meu pai trabalhava, minha mãe e eu íamos à loja. Falávamos de Viena e de nossa antiga vida. Sentíamos saudades de casa, é claro, mas eu também estava zangada. Não gostava da Carolina do Norte. Não gostava deste país. Sentia que não pertencia a ele. Apesar da guerra, parte de mim queria voltar. Queria ajudar meus parentes. Estávamos muito preocupados com eles.

Vejo-a se virar na direção da janela e, no silêncio, sei que Ruth está pensando em seus avós, suas tias, seus tios e primos. Na noite antes de ela e os pais partirem para a Suíça, dezenas de membros de sua família se reuniram para um jantar de despedida. Eles se deram adeus, aflitos, e prometeram manter contato. E, embora alguns estivessem felizes por eles, quase todos achavam que o pai de Ruth não só estava tendo uma reação exagerada

como também sendo tolo ao desistir de tudo por um futuro incerto. Contudo, alguns deram moedas de ouro ao pai dela e, nas seis semanas de viagem até a Carolina do Norte, foram aquelas moedas que lhes garantiram abrigo e comida. Com exceção de Ruth e seus pais, toda a família permaneceu em Viena. No verão de 1940, eles estavam usando a estrela de Davi nos braços e a maioria tinha sido proibida de trabalhar. Àquela altura, era tarde demais para fugir.

Minha mãe me falou sobre as visitas de Ruth e as preocupações dela. Minha mãe também tinha parentes em Viena, mas como muitas pessoas, não tínhamos a menor ideia do que estava acontecendo ou do quanto aquilo se tornaria terrível. Ruth também não sabia, mas o pai dela, sim. Ele soubera quando ainda havia tempo para fugir. Mais tarde cheguei à conclusão de que era o homem mais inteligente que eu já havia conhecido.

– Naquela época seu pai fabricava móveis?

– Sim – respondeu Ruth. – Nenhuma universidade quis contratá-lo, por isso fez o que era necessário para nos alimentar. Mas foi difícil para ele. Meu pai não foi feito para fabricar móveis. No início voltava para casa exausto, com serragem nos cabelos e ataduras nas mãos, e dormia na cadeira quase imediatamente depois de entrar pela porta. Mas ele nunca se queixou. Sabia que tínhamos sorte. Quando acordava, tomava banho e vestia seu terno para jantar, um modo de se lembrar do homem que tinha sido um dia. E nós tínhamos conversas animadas no jantar. Ele me perguntava o que eu aprendera na escola naquele dia e ouvia minha resposta com atenção. Então me fazia pensar nas coisas de outras maneiras. “Por que você acha que é assim?”, perguntava. Ou, “você já considerou isso?”. É claro que eu sabia o que ele estava fazendo. Uma vez professor, sempre professor. Meu pai era bom no que fazia e foi por isso que conseguiu voltar a lecionar depois da guerra. Ele me ensinou a pensar por mim mesma e a confiar em meus instintos, como fez com todos os seus alunos.

Eu a estudo, refletindo sobre quanto era significativo Ruth também ter se tornado professora, e minha mente volta mais uma vez para Daniel McCallum.

– E seu pai a ajudou a aprender tudo sobre arte.

– Sim – diz ela, com um tom travesso. – Ele também me ajudou com isso.

2



Quatro meses antes

Sophia

— **V**ocê tem que ir – implorou Marcia. – Por favor. Iremos num grupo de 13 ou 14. E não é tão longe. McLeansville fica a menos de uma hora daqui e você sabe que a viagem de carro vai ser divertida.

Sophia estava em sua cama, revendo desanimadamente algumas anotações sobre a história da Renascença.

– Eu não sei... Ao *rodeio*? – perguntou, com uma expressão de dúvida no rosto.

– Não fale assim – reprovou Marcia, de frente para o espelho, pondo um chapéu de caubói na cabeça e o inclinando de um lado para outro. Colega de quarto de Sophia desde o segundo ano, Marcia Peak era de longe sua melhor amiga na faculdade. – Em primeiro lugar, não é o rodeio. É apenas *montaria em touros*. Em segundo, a questão não é essa. É sair do campus para uma rápida viagem de carro, comigo e as meninas. Haverá uma festa depois. Eles montam bares em um grande e velho celeiro perto da arena... Vai ter uma banda e dança, e juro por Deus que você nunca encontrará tantos caras bonitos em um só lugar.

Sophia olhou por cima de seu caderno.

– Encontrar um cara bonito é a última coisa que quero agora.

Marcia revirou os olhos.

– Acontece que você precisa sair de casa. Já estamos em outubro. As aulas começaram há dois meses e você precisa sair dessa depressão.

– Não estou deprimida – disse Sophia. – Só estou... cansada disso.

– Quer dizer que está cansada de ver Brian, certo? – Marcia se virou para encarar a amiga. – Está bem, entendo isso. Mas este é um campus pequeno. E a Chi Omega e a Sigma Chi estão juntas este ano. Vai ser inevitável encontrá-lo.

– Você entendeu o que eu quis dizer. Ele está me seguindo. Na quinta-

-feira, estava no átrio do Scales Center depois da minha aula. Isso nunca aconteceu enquanto estávamos juntos.

– Você falou com ele? Ou ele tentou falar com você?

– Não. – Sophia balançou a cabeça. – Fui direto para a porta e fingi que não o tinha visto.

– Então tudo bem.

– Ainda assim é assustador...

– E daí? – Marcia deu de ombros, impaciente. – Não se deixe abalar. Ele não é um psicopata nem nada do gênero. Uma hora vai acabar entendendo.

Sophia desviou o olhar, pensando, *espero que sim*, mas como ela não respondeu, Marcia atravessou o quarto e se sentou ao seu lado na cama. Deu um tapinha na perna de Sophia.

– Vamos ser racionais, está bem? Você disse que Brian parou de telefonar e mandar mensagens de texto, não foi?

Sophia assentiu com a cabeça, embora com relutância.

– Então, tudo certo – concluiu ela. – Está na hora de seguir com sua vida.

– É o que estou tentando fazer. Mas aonde quer que eu vá, lá está ele. Não entendo por que não me deixa em paz.

Marcia dobrou as pernas e apoiou o queixo nos joelhos.

– É simples. Brian acha que, se conseguir falar com você, se disser as coisas certas e esbanjar charme, a fará mudar de ideia. Ele realmente acredita nisso. – Marcia a olhou com uma expressão séria. – Sophia, você tem que entender que todos os homens pensam assim. Eles acham que podem encontrar uma solução para tudo e sempre querem o que não podem ter. Está no DNA deles. Você terminou com Brian, agora ele a quer de volta. Coisa de homem. – Ela deu uma piscadela. – Ele acabará aceitando que terminou. Desde que você não ceda, é claro.

– Não vou ceder – disse Sophia.

– Ainda bem. Você sempre foi boa demais para ele.

– Achei que você gostasse do Brian.

– Eu *gosto* do Brian. Ele é engraçado, bonito e rico. Como poderia não gostar? Somos amigos desde o primeiro ano e ainda nos falamos. Mas também sei que ele foi um péssimo namorado e traiu minha amiga. Não uma ou duas, mas três vezes.

Sophia sentiu seus ombros caírem.

– Obrigada por me lembrar.

– Ouça, é meu papel de amiga ajudá-la a superar isso. Então o que eu faço? Encontro essa ótima solução para todos os seus problemas, uma noite com as garotas fora do campus, e você está pensando em ficar aqui?

Como Sophia continuou sem dizer nada, Marcia se aproximou mais.

– Por favor, venha conosco. Preciso da minha parceira.

Sophia suspirou, sabendo quanto Marcia podia ser insistente.

– Está bem – cedeu. – Eu vou.

E, embora não soubesse disso naquele momento, quando pensasse no passado sempre se lembraria de que tinha sido assim que tudo começou.



Conforme a meia-noite se aproximava, Sophia teve que admitir que sua amiga tinha razão. Ela precisava sair... Percebeu que pela primeira vez em semanas estava se divertindo de verdade. Afinal de contas, não era toda noite que podia apreciar os cheiros de terra, suor e esterco, observando homens loucos montarem animais ainda mais loucos. Ficou sabendo que Marcia achava que os peões exalavam sensualidade e mais de uma vez sua colega de quarto a cutucara para mostrar um particularmente bonito, inclusive o que vencera todas as provas.

– Ele é um colírio para os olhos – dissera.

E, mesmo a contragosto, Sophia rira.

A festa que se seguiu foi uma agradável surpresa. O celeiro decadente, com chão sujo, paredes de tábuas, vigas expostas e buracos no telhado, estava lotado. As pessoas se aglomeravam ao redor dos bares improvisados e ocupavam um conjunto de mesas e bancos espalhados aleatoriamente pelo interior cavernoso. Embora em geral Sophia não ouvisse música country, a banda era animada e a pista de dança de piso de madeira estava lotada. De vez em quando começava uma dança e todos, menos ela, pareciam saber o que fazer. Aquilo era como um código secreto; uma música terminava e outra começava, os dançarinos saíam da pista e outros os substituíam, assumindo seus lugares na fileira e dando a Sophia a impressão de que tudo fora coreografado. Marcia e as outras garotas da fraternidade se juntavam aos dançarinos executando todos os passos com perfeição e Sophia se perguntava onde elas tinham aprendido aquilo. Em mais de dois anos

de convivência, nem Marcia nem qualquer uma das outras garotas havia mencionado que conhecia aqueles passos de dança.

Apesar de não querer passar vergonha na pista de dança, Sophia estava feliz por ter vindo. Diferentemente da maioria dos outros bares perto do campus – ou de *qualquer* outro bar ao qual já fora –, aqui as pessoas eram gentis de verdade. Ridiculamente gentis. Nunca tinha ouvido tantos estranhos dizerem “desculpe-me” ou “com licença” e dar sorrisos amigáveis enquanto saíam do seu caminho. E sua amiga tinha razão sobre outra coisa: havia homens bonitos por toda parte e Marcia – assim como a maioria das garotas da casa – estava aproveitando. Desde que chegaram, nenhuma delas tivera que pagar uma única bebida.

Aquele era o tipo de noite de sábado que Sophia imaginava que acontecia no Colorado, em Wyoming ou em Montana, não que ela já tivesse estado em algum desses lugares. Quem diria que havia tantos caubóis na Carolina do Norte? Examinando a multidão, Sophia percebeu que não deviam ser caubóis de verdade – a maioria estava ali para assistir às provas de montaria em touro e beber cerveja no sábado à noite –, mas ela nunca tinha visto uma quantidade tão grande de chapéus, botas e fivelas de caubói. E as mulheres? Elas também usavam botas e chapéus, mas entre suas amigas da fraternidade e as demais mulheres ali, viu mais shorts curtos e barrigas de fora do que já vira no pátio do campus no primeiro dia quente da primavera. Marcia e as garotas tinham ido às compras mais cedo naquele dia e Sophia se sentiu quase malvestida em seus jeans e sua blusa sem mangas.

Deu um gole em sua bebida, contentando-se em observar e ouvir. Marcia havia se afastado com Ashley alguns minutos antes, sem dúvida para falar com alguns rapazes que conhecia. As outras garotas estava formando grupos parecidos, mas Sophia não sentia necessidade de se juntar a elas. Sempre fora um pouco reservada e, ao contrário das meninas da casa, não seguia à risca as regras da fraternidade. Ainda que tivesse feito algumas boas amizades lá, estava pronta para seguir em frente. Por mais que a *vida real* parecesse assustadora, animava-se com a ideia de ter seu próprio lar. Imaginava vagamente um loft em alguma cidadezinha, com bistrôs, cafeterias e bares próximos, mas como saber quanto isso era realista? A verdade era que morar em uma apartamento apertado à beira da rodovia em Omaha, Nebraska, era preferível à sua situação atual. Ela estava cansada de

morar na fraternidade, e não só porque a Chi Omega e Sigma Chi estavam juntas de novo. Era seu terceiro ano na casa e já estava farta do drama da vida em fraternidade. Em um lugar com 34 garotas, o drama era *inter-minável* e, embora ela fizesse o possível para evitá-lo, sabia que a versão deste ano já estava a caminho. O novo grupo de garotas do segundo ano se preocupava demais com o que as outras pessoas pensariam delas e qual era a melhor maneira de se encaixar, enquanto disputavam uma posição mais elevada na hierarquia social.

Mesmo ao entrar para a fraternidade, Sophia nunca se importara de verdade com nada disso. Em parte, entrara porque não tinha se dado bem com sua colega de quarto no primeiro ano e em parte porque todos as outras calouras estavam fazendo o mesmo. Queria descobrir do que se tratava aquilo, especialmente porque a vida social na Wake era em grande parte definida pelo sistema grego. Sua lembrança seguinte era de ser uma Chi Omega fazendo um depósito para pagar seu quarto na casa.

Sophia havia tentado se envolver naquilo tudo. De verdade. Quando estava no terceiro ano, pensara brevemente em entrar para a diretoria. Ao mencionar isso para Marcia, a amiga caíra na gargalhada e então Sophia rira também e a coisa parou por aí, o que foi bom, porque ela sabia que seria uma péssima diretora. Embora fosse a todas as festas e reuniões formais e obrigatórias, não conseguia ter todo aquele espírito de “a irmandade mudará sua vida”, tampouco acreditava que “ser uma Chi Omega trará benefícios para o resto da vida”.

Sempre que ouvia esses lemas nas reuniões da irmandade, tinha vontade de levantar a mão e perguntar às suas colegas se elas realmente acreditavam que a quantidade de energia que despendiam durante a Semana Grega de fato era importante a longo prazo. Por mais que tentasse, não conseguia se imaginar sentada em uma entrevista de emprego ouvindo seu futuro chefe dizer: *Estou vendo aqui que em seu penúltimo ano você ajudou a coreografar o número de dança que pôs a Chi Omega em primeiro lugar na classificação das fraternidades. Para ser honesto, Srta. Danko, essa é exatamente a habilidade que estamos procurando em um curador de museu.*

Por favor.

A vida na fraternidade era parte de sua experiência universitária e ela não se arrependia disso, mas nunca quis que fosse a *única* parte. Ou mesmo a maior parte. Antes de mais nada, fora para a Wake Forest porque

queria uma boa educação e sua bolsa de estudos exigia que colocasse os estudos em primeiro lugar. E era o que fazia.

Bem... Quase sempre. Sophia girou a bebida em seu copo, pensando no ano anterior.

No último semestre, depois que descobriu que Brian a traía pela segunda vez, tinha ficado arrasada. Achara impossível se concentrar e, quando as provas finais chegaram, teve que estudar como uma louca para manter sua média. Tinha conseguido... por pouco. Mas aquilo fora a coisa mais estressante pela qual passara e estava determinada a não deixar que acontecesse de novo. Se não fosse por Marcia, não sabia como teria terminado o semestre anterior e esse era o principal motivo para se sentir grata por ter entrado para a Chi Omega. Para Sophia, a irmandade sempre esteve relacionada à amizade individual, não à identificação com um grupo. E amizade não tinha nada a ver com a posição de alguém na hierarquia. Por isso, como fizera desde o início, faria o que fosse preciso na casa em seu último ano, não mais do que isso. Pagaria as taxas, cumpriria suas obrigações e ignoraria as panelinhas que já estavam se formando – especialmente as que acreditavam que ser uma Chi Omega era o objetivo máximo da vida.

Panelinhas que adoravam pessoas como Mary-Kate, por exemplo.

Mary-Kate era a presidente da irmandade, e não só *transpirava* a vida em fraternidade como também se encaixava em seu papel – tinha lábios carnudos e um nariz ligeiramente empinado, pele sem manchas e estrutura óssea bem definida. Com o atrativo adicional de seu fundo fiduciário – sua família, que ganhara dinheiro com tabaco, ainda era uma das mais ricas do estado –, para muitas pessoas ela *era* a fraternidade. E Mary-Kate sabia disso. Neste momento, a uma das mesas redondas maiores, estava sendo bajulada por seus admiradores, cercada de colegas mais novas que sem dúvida queriam ser como ela quando crescessem. Como sempre, Mary-Kate falava de si mesma.

– Eu só quero fazer diferença, sabem? – dizia. – Sei que não vou conseguir mudar o mundo, mas acho importante tentar fazer alguma diferença.

Jenny, Drew e Brittany ouviam atentamente todas as suas palavras.

– Acho isso impressionante – concordou Jenny.

Ela era de Atlanta e estava no segundo ano. Sophia a conhecia bem o bastante para se cumprimentarem de manhã, não mais do que isso. Com certeza ela estava emocionada por passar um tempo com Mary-Kate.

– Quero dizer, não tenho vontade de ir para a África, o Haiti ou algum lugar desse tipo – continuou Mary-Kate. – Por que ir tão longe? Meu pai diz que há muitas oportunidades de ajudar pessoas por aqui. Foi por isso que ele criou uma fundação de caridade e é por isso que vou trabalhar lá quando me formar. Para ajudar a acabar com os problemas locais. Para fazer diferença bem aqui, na Carolina do Norte. Vocês sabem que ainda há pessoas neste estado que precisam usar banheiros externos? Dá para imaginar isso? Não ter encanamento interno? Temos que sanar esse tipo de problema.

– Espere – disse Drew. – Estou confusa. – Ela era de Pittsburgh e sua roupa era quase idêntica à de Mary-Kate, do chapéu às botas. – Está dizendo que a fundação do seu pai constrói banheiros?

As sobrancelhas bem desenhadas de Mary-Kate formaram um V.

– Do que você está falando?

– A fundação do seu pai. Você disse que ela constrói banheiros.

Mary-Kate inclinou a cabeça, analisando Drew como se ela fosse retardada.

– A fundação fornece bolsas de estudos para crianças carentes. Por que achou que construí banheiros?

Ah, não sei, pensou Sophia, sorrindo para si mesma. *Talvez porque você tenha falado de banheiros externos e dado essa impressão?* Mas ela não disse nada, sabendo que Mary-Kate não gostaria da brincadeira. Quando se tratava de seus *planos para o futuro*, Mary-Kate não tinha nenhum senso de humor. Afinal de contas, o futuro era coisa séria.

– Mas eu pensei que você seria repórter de televisão – disse Britney. – Na semana passada nos contou sobre a oferta de emprego que recebera.

Mary-Kate jogou a cabeça para trás.

– Aquilo não ia dar certo.

– Por que não?

– Era para o noticiário da manhã. Em Owensboro, Kentucky.

– E daí? – perguntou uma das garotas mais novas da fraternidade, claramente intrigada.

– Oi? Owensboro? Já ouviu falar?

– Não. – As garotas trocaram olhares tímidos.

– É o que quero dizer – anunciou Mary-Kate. – *Não* vou me mudar para Owensboro, Kentucky. Mal aparece no mapa. E não vou acordar às quatro da manhã. Além do mais, como falei, quero fazer diferença. Há muitas

peessoas aqui precisando de ajuda. Venho pensando nisso há muito tempo. Meu pai diz...

A essa altura, Sophia não estava mais ouvindo. Querendo encontrar Marcia, levantou-se de sua cadeira e examinou a multidão enquanto a noite avançava. Espremendo-se para passar por algumas garotas e pelos rapazes com quem elas conversavam, começou a andar no meio da multidão, procurando o chapéu de caubói preto de Marcia. Era inútil. Havia chapéus pretos *por toda parte*. Tentou se lembrar da cor do chapéu de Ashley. Cre-me, não era? Com isso, pôde filtrar a busca até localizar suas amigas. Havia começado a ir na direção delas, passando com dificuldade por grupos de pessoas, quando viu algo pelo canto do olho.

Ou melhor, *alguém*.

Parou, tentando ver melhor. Em geral, a altura dele tornava fácil encontrá-lo em multidões, mas havia tantos chapéus altos no caminho que Sophia não teve certeza se era ele. Mesmo assim, sentiu-se subitamente desconfortável. Tentou se convencer de que estava enganada, imaginando coisas.

Mesmo contrariada, não conseguiu parar de olhar. Tentou ignorar o frio que sentia na barriga enquanto procurava os rostos na multidão. *Ele não está aqui*, repetiu para si mesma, mas naquele instante o viu de novo, andando altivo por entre a aglomeração, ladeado por dois amigos.

Brian.

Sophia ficou paralisada, observando os três se dirigirem a uma mesa vazia, Brian forçando passagem como fazia no campo de lacrosse. Por um segundo, ela não pôde acreditar. Tudo em que conseguiu pensar foi: *Jura? Você me seguiu até aqui também?*

Sentiu seu rosto ficar vermelho. Estava com suas amigas, fora do campus... O que ele estava pensando? Ela deixara claro que não queria vê-lo; dissera-lhe com todas as letras que não queria falar com ele. Ficou tentada a ir até lá e dizer na cara dele – de novo – que estava tudo terminado.

Mas não foi, porque sabia que isso *não faria diferença alguma*. Marcia tinha razão. Brian achava que, se falasse com ela, a faria mudar de ideia. Pois acreditava que, esbanjando todo o seu *charme e pedidos de desculpa*, seria irresistível. Afinal de contas, ela já o perdoara antes. Por que não o perdoaria de novo?

Sophia se virou e começou a atravessar a multidão na direção de Marcia,

dando graças a Deus por ter saído da mesa. A última coisa que queria era que Brian se aproximasse, fingindo estar surpreso por encontrá-la. Porque não importava quais fossem os fatos, ela é que acabaria rotulada como alguém sem coração. Por quê? Porque Brian era o equivalente a Mary-Kate de sua fraternidade. Jogador de lacrosse da All American abençoado com uma grande beleza e um pai dono de um banco de investimentos, ele comandava naturalmente seu círculo social. Todos na fraternidade o veneravam e Sophia sabia que metade das garotas da casa transaria com Brian ao menor sinal de interesse por parte dele.

Bem, elas que ficassem com ele.

Sophia continuou a avançar por entre as pessoas enquanto a banda terminava uma música e emendava outra. Viu de relance Marcia e Ashley perto da pista, conversando com três homens de jeans justos e chapéus de caubói que pareciam alguns anos mais velhos do que elas. Sophia andou naquela direção e, quando estendeu o braço para tocar em Marcia, sua companheira de quarto se virou, parecendo quase aturdida. Ou, mais precisamente, bêbada.

– Ah, oi! – disse Marcia e as palavras saíram arrastadas. Ela puxou Sophia para a frente. – Rapazes, esta é minha colega de quarto, Sophia. E estes são Brooks, Tom e... – Marcia observou com os olhos semicerrados o homem no meio. – Qual é mesmo o seu nome?

– Terry.

– Oi – disse Sophia de modo automático. Então se virou para Marcia: – Posso falar com você a sós?

– Agora? – Marcia franziu as sobrancelhas. Ela lançou um olhar aos caubóis e ficou de frente para Sophia, sem esconder sua irritação. – O que houve?

– Brian está aqui – sussurrou Sophia.

Marcia estreitou os olhos para ela, como se tentasse se certificar de que ouvira direito, antes de enfim fazer um sinal afirmativo com a cabeça. As duas foram para um lugar mais afastado da pista de dança. Ali o barulho não era tão ensurdecedor, mas Sophia ainda teve que levantar a voz para ser ouvida.

– Ele me seguiu. De novo.

Marcia espiou por cima do ombro de Sophia.

– Onde ele está?

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br